

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

ZÉ RODRIGUES

Murilo Martins

Lídia era muito medrosa quando criança. Puseram a culpa na babá que nos serões noturnos gostava de contar para a meninada as histórias de Trancoso. Outros temores surgiram no decorrer dos anos mas, ao atingir a maioridade, conseguiu libertar-se de todos. Aliás, quase todos, pois permaneciam o terror de lagartixas, o horror de andar de avião e o medo de loucos.

Havia boas justificativas para essas fobias. O terror de lagartixas surgiu durante um recreio das aulas do curso de admissão, quando uma colega, só por molecagem, jogou nas suas pernas uma briba. Assustado, o réptil, com sua barriga úmida e fria, tomou via ascendente procurando um abrigo debaixo da saia cheia de pregas da colegial. Lídia, com um sapateado quase histérico, entre a gritaria das outras alunas, conseguiu libertar-se da intrusa, mas ficou gravado na sua memória aquele episódio singular. Desde então entrava em pânico ao sentir a presença, mesmo distante, daquele “pavoroso” animal.

O horror de andar de avião aconteceu depois de sua primeira viagem aérea ocorrida nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Os aviões de carreira daquela época eram pequenos, transportavam poucos passageiros e tinham pouca autonomia de voo, obrigando-os a fazer inúmeras escalas. O “pinga-pinga” não era problema, porém as frequentes turbulências com correntes descendentes faziam com que as aeronaves caíssem no vácuo (como se dizia antigamente) levando consigo os nervos dos viajantes. Muitos rapidamente se refaziam do susto, enquanto que outros jamais conseguiam trazer os nervos arrasados para os seus devidos lugares.

Quanto ao medo de loucos, nunca teve uma boa explicação. Talvez fosse mesmo um defeito de nascença!

Sentado na poltrona onze do DC-3 da Companhia Aérea Brasileira, Fred contemplava a beleza do mar em confronto com a terra. Começava a anoitecer e a faixa de cor rubra enfeitava a linha do horizonte. Estava terrivelmente cansado. O avião decolara de madrugada do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, e tivera escalas em Vitória, Ilhéus, Salvador, Aracaju, Maceió, Recife e Natal. Brevemente chegaria a seu destino: Fortaleza!

O ano de 1950 corria rápido. Meses atrás fizera o vestibular e era a primeira vez que voltava para sua cidade como estudante de Medicina. Convidara seu colega Henry para passar as férias na sua casa e antevia os dias de prazer que teriam naquele mês de julho. Os motores do avião roncavam continuamente e lutavam contra as últimas turbulências. Fred lembrou-se da irmã que tinha medo de voar e sorriu. Certamente estaria esperando por eles no Cocorote.

O aeroporto de Fortaleza aumentara muito no período da guerra. De um simples Aéreo Clube no Alto da Balança, transformou-se na maior Base Aérea do Nordeste – o Cocorote – cuja entrada se fazia pelo lado da Serrinha. Por questão de segurança nacional, a entrada era vigiada continuamente por oficiais e praças da Aeronáutica, e os motoristas que estravam naquela zona, mesmo para receberem os passageiros de voos domésticos, tinham que deixar na Guarda seus documentos pessoais.

Na avenida do Benfica, Lídia alertou ao pai que estavam atrasados.

— A companhia de aviação informou que o voo já saíra de Natal, e em cinquenta minutos estaria aterrissando em Fortaleza.

O carro seguiu rápido pelo concreto da Parangaba, passou pelo bairro Damas e, na altura do Asilo dos Alienados São Vicente de Paula, dobrou à esquerda para pegar as ruelas antigas que os levariam ao aeroporto. Naquele momento, Lídia teve um estranho pressentimento e arrepiou-se da cabeça aos pés. Notara que, de um

lado da rua, havia um asilo de loucos, e do outro, um pequeno bar no formato de avião. Não era azar? Só faltava ver uma lagartixa...

A primeira semana saiu como esperado: sol, mar, sessão das quatro do Cine Diogo, sorveteria El Dourado, Feira de Amostras, baile no Náutico e tertúlia no Ideal. Mas os estudantes de Medicina adquirem rápido a mania dos médicos e muito cedo desejam ver a centenária Santa Casa de Saúde Dr. César Cals, ir ao Sanatório de Messejana e conhecer o Asilo São Vicente de Paula.

— São Vicente de Paula? O hospício? Casa de doido?! Cruz, credo, essa não! – protestou Lúdia – Por curiosidade, gostaria de fazer outras visitas mas ir ao asilo? Eu passo!

— E por que não?

— Morro de medo de gente biruta, tan-tan, psicopata, gira, girolas, tonta, zonzá, estouvada, esquisita, alienada, doidivanas...

— Chega, Lúdia, Chega! – acalmou o irmão – Que mal pode lhe fazer um louco?

— Sair correndo atrás de mim...

— Isso não existe.

— Existe, sim! Todos conhecem a história do maluco que saiu correndo atrás de uma mulher que estava sem roupa. Ele foi obrigado a dar sua calça para ela não sair nua.

— Isso é piada.

— E o Zé Goela, que da janela meteu a mão no seu prato e comeu a coxa da galinha?

— Era um louco manso que há muitos anos andava vagando pelas ruas da praia de Iracema. Jogavam até pedra nele, mas o pobre coitado não fazia mal a ninguém.

— Meu pai era psiquiatra – interveio Henry – e, quando pequeno, várias vezes fui com ele ao hospício. Se houvesse algum perigo não me levaria lá.

— De qualquer maneira, para o asilo, não vou com vocês.

E foi. A curiosidade feminina é sempre maior que a razão. Tomaram um ônibus na Praça do Ferreira e pararam em frente ao portão do sanatório. Um senhor jovem de constituição atlética os atendeu com cordialidade. Tinha uma estatura mediana, cabelo repartido ao meio, penteado com excesso de vaselina, camisa e calça de brim cáqui engomados com esmero e os sapatos bem engraxados.

— O que a senhora e os senhores desejam? – Indagou.

— Somos estudantes de Medicina do Rio de Janeiro – disse Henry, se apresentando – e desejamos conhecer o asilo. O Provedor da Santa Casa já falou com a irmã Silvia que está nos esperando.

— Ela está na secretaria, que fica ao lado da Igreja. Lá é a entrada do hospital, mas como vocês são estudantes de medicina, quase médicos, podem entrar por aqui. Meu nome é Zé Rodrigues e eu os levo até lá.

Abriu o portão e os estudantes entraram pelo pátio de recreio do asilo. Tratava-se de um grande mangueiral onde extensas áreas sombrias se intercalavam com zonas onde o sol mal conseguia penetrar. A atmosfera do lugar era de uma simplicidade e quietude e o vento fresco da manhã acariciava o rosto dos visitantes. Ao se deparar com um ambiente tão diferente do que esperava encontrar, Lídia exclamou:

— Como é bonito, tudo tão limpo, praticamente não se vê folhas ou sujeira no chão!

— É o resultado da praxiterapia – explicou prontamente Zé Rodrigues. – O novo médico do asilo acha que o trabalho é importante para o tratamento.

Aos poucos, os acadêmicos notaram que havia no pátio um pequeno número de doentes. Alguns olhavam curiosos para eles, enquanto outros, totalmente indiferentes, tomavam banho de sol. Zé Rodrigues virou-se e indagou:

— Vocês vão ficar o dia todo visitando o hospital?

— Só o período da manhã.

— Ainda bem, porque o último estudante de Medicina que visitou o hospício perdeu a hora. A irmã esqueceu-se dele, fechou a secretaria às cinco e ele teve que dormir com os doidos.

Lídia engoliu em seco e, quando ia falar, notou a alegria de seus companheiros. Henry, entusiasmado, adiantou-se para mostrar para eles o caso de uma moça que estava em pé, muda e imóvel como uma estátua. Com um ar professoral falou:

- Vejam esta paciente: deve ter uma esquizofrenia catatônica. Meu pai dizia que esta forma de doença mental era muito comum no passado mas hoje é vista com menor frequência. Ela pode permanecer parada por horas a fio ao ponto de chegar a uma exaustão – Pegou na mão da paciente e mudou-a de local – Viram? Isso é o que se chama flexibilidade cética. É como se fosse uma estátua moldada com cera.

— A irmã Silvia preocupa-se muito com ela – disse Zé Rodrigues – Quando está pior, chama logo o médico para vê-la.

— Henry, olhe aquele ali! – Exultou Fred virando de lado – Não é outro caso de catatonia?

Tratava-se de um senhor idoso, vestindo uma bata comprida, tendo na mão esquerda um grande chapéu, cuja aba quase tocava no chão.

— Esse é o Padre Cícero informou Zé Rodrigues – A Irmã também se preocupa com ele.

— E o cajado? Padre Cícero anda sempre com um na mão direita.

— Não deixam usar, porque uma vez quis bater noutro doente.

Nesse momento, Lídia que não estava gostando do entusiasmo dos colegas admirando aqueles enfermos psiquiátricos, tomou consciência do local onde se metera. Quase em pânico perguntou:

— Não há perigo de um deles sair correndo com um pau atrás de mim?

— Isso não acontece, principalmente estando comigo ou com a Irmã Silvia – tranquilizou Zé Rodrigues.

— Bobagem, Lúcia. Não lhe disse? – Reafirmou Henry – Seus temores não têm fundamento, são coisas do passado. As medicações atuais controlam bem os doentes com delírio. Veja como todos estão calmos!

Lúcia não ficara convencida com as palavras do amigo. Ela sabia há muito tempo que louco é louco e quando menos se espera pode sair correndo com um cajado atrás de alguém. Via no pátio poucos enfermeiros que eventualmente pudessem proteger os visitantes no caso de uma agressão. Enquanto Fred e Henry se aproximavam dos doentes, pegavam nas mãos deles, achavam que eram casos interessantes, ela preferia ficar longe, não queria ver louco por perto. Sentia-se segura com Zé Rodrigues ao seu lado, Tudo indicava que os doidos tinham respeito por ele. Com os nervos em ebulição, sentiu grande alívio quando, finalmente, entrou na secretaria do asilo.

A secretaria era uma sala ampla e arejada, situada anexa à Igreja. Ao fundo estava uma irmã com um chapéu de grande aba, típico da ordem que servia. Tinha a cabeça baixa e escrevia uma nota no grande livro. Ao vê-los, levantou-se e com irradiante alegria disse:

Bem-vindos ao Hospital Psiquiátrico São Vicente de Paula! O Provedor da Santa Casa já tinha telefonado perguntando por vocês.

Apertou a mão dos visitantes e foi logo dizendo:

— Como vocês podem ver, nosso hospital é antigo, pois foi fundado na época do império. É gerido pela Santa Casa de Misericórdia e presta um grande serviço à nossa cidade. Ah! Antes de levar vocês para uma visita pelas nossas enfermarias, gostaria de lhes apresentar minhas auxiliares.

Virou-se de lado e mostrou uma funcionária franzina, óculos fundo de garrafa, portadora de um sorriso acanhado.

— Esta é meu braço direito: Olívia. Faz toda a parte escrita da administração: cartas, ofícios, atestados. Relatórios, requerimentos, etc.

Olivia levantou-se e apertou timidamente a mão dos estudantes.

— Francisca – continuou a apresentando a outra funcionária – é uma máquina para trabalhar. Cuida da parte financeira, das compras, dos empenhos, do almoxarifado, do fornecimento dos remédios e dos alimentos para o hospital.

Quando a Irmã ia convidando os visitantes para sentarem, notou a presença de Zé Rodrigues perto deles.

— Pelo que vejo vocês já conhecem o Zé Rodrigues. Ele é o dono da Base Aérea.

Nesse momento Zé Rodrigues perfilou-se, bateu um calcanhar de encontro ao outro fazendo barulho e fez uma continência regimental. A seguir inclinou-se e apertou a mão dos visitantes dizendo:

— Muito prazer, Zé Rodrigues, muito prazer!